CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
OLHARES DA ESLOVÉNIA - A CINEMATECA COM OS OLHARES DO MEDITERRÂNEO - WOMEN'S FILM FESTIVAL
24 de novembro de 2026

NE BOM VEC LUZERKA / 2018

(*"O Meu Último Ano como Falhada"*)

Um filme de Ursa Menart

Realização, Argumento: Ursa Menart / *Montagem*: Jurij Moskon / *Direção de Fotografia*: Darko Heric / *Produção*: Danijel Hocevar, Matija Kozamernik / *Assistência de Produção*: Zala Opara / *Design de Produção*: Marco Juratovec / Música: Simon Pensek / *Direção Artística*: Borut Opetnik, Janez Prohinar / *Guarda-roupa*: Tina Bonca / *Interpretações*: Eva Jesenovec (Spela), Ziva Selan (Suzi), Sasa Pavcek (Mãe de Spela), Spela Rozin (Babi), Branko Zavrsan (Pai de Spela), Jurij Drevensek (Andraz), Tina Potocnik (Eva), Lara Maria Vouk (Nina), Aljaz Jovanovic (Mare), Timon Sturbej (Seba), Matic Luksic (Miki) / *Cópia*: DCP, a cores (Scope), falado em esloveno com legendas em inglês e legendagem eletrónica em português / *Duração*: 81 minutos / *Estreia Mundial*: 10 de setembro de 2018, Slovenian Film Festival / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira passagem na Cinemateca.*

Com a presença de Ursa Menart.

***

Retrato muito sensível sobre uma jovem licenciada em História da Arte, desempregada, quer dizer, "entre trabalhos", fazendo pela vida numa Liubliana onde se reveem os problemas que afligem tantas capitais europeias, começando pela nossa: desemprego, falta de um teto próprio e ausência de um projeto de vida estável. É uma geração "à rasca", fazendo "trinta por uma linha", mas a protagonista, a "falhada" do título, uma empática rapariga com quase trinta anos chamada Spela, é o símbolo de uma resistência qualquer levada a cabo por tanta gente como ela, ali, em Liubliana, como, reforço, aqui, em Lisboa. Resistir, neste caso, traduz-se no ato de dizer "não" à ideia de partir para outro país, onde a precariedade e o sentimento de desesperança não sejam tão esmagadores. Ela fica para mudar a situação, porque "o potencial aqui é imenso". Enfim, convence-se de que, deste modo, não está a desistir do próprio país.

Com amigas e namorado à distância, encontrando oportunidades negadas na casa de partida, Spela vai renovando a esperança de poder tirar partido desse tal "potencial" (palavra repetida como se fosse tanto um *slogan* político como um mantra para iludir jovens como ela) sem se ver obrigada a emigrar. Saltita, assim, de trabalho em trabalho, abdica do "luxo" de viver numa casa arrendada para regressar à morada dos pais, onde ainda vive a avó. Ao mesmo tempo, chamada Zoom atrás de chamada Zoom, vai perdendo o contacto de facto real, efetivo e afetivo, com as amigas e o namorado.

A cidade é belíssima, os turistas estão por todo o lado. Mas a realidade para quem é esloveno, para quem vive e trabalha, é toda uma outra coisa. A realizadora, com praticamente a mesma idade da protagonista, produz um retrato implacável da situação dos seus contemporâneos, de toda uma geração que vive aos atropelos. Não surpreende que o trabalho de Menart venha a alternar entre o documentário e a ficção, já que este filme tem o condão de produzir um poderoso efeito de espelho sobre alguns dos problemas mais prementes e proeminentes da atualidade.

Talvez o plano mais poderoso surja perto do fim: quando a protagonista confessa já não saber ao certo onde se fixar na sua própria cidade, no seu próprio país, Menart filma a atriz, Eva Jesenovec, prostrada num colchão de ar enquanto este se esvazia. A câmara desenha um *zoom out* lento e o resultado simbólico parece ser o de um longuíssimo e muito melancólico suspiro. O passo seguinte só podia ser o da inevitável fuga. No entanto, qualquer coisa da ordem do milagre acontece – um milagre que poderíamos descrever como rosselliniano, mas a referência óbvia pertence a outro italiano neorrealista, a Vittorio De Sica e ao seu incontornável **Ladri di biciclette** (1948). É movida por um impulso reparador, dando expressão a uma revolta e a um sentimento de injustiça mais-do-que-justificado que a personagem oferece a si mesma o direito a fazer diferente de toda a gente. Não decide ficar, nem partir. Decide, antes, fugir de tudo, quer dizer, fugir da própria fuga, com uma expressão de felicidade estampada no rosto. Uma alegria que dura uma eternidade porque é com ela que a personagem se despede de nós. O direito à fuga é, deste modo, reclamado com algum estrondo por esta "ladra de bicicletas" enredada pelo *Zeitgeist*. Um impulso inspirador nos tempos que correm.

Luís Mendonça